

## ITINERÂNCIAS E INTER-HERANÇAS: CULTURA POPULAR, RIZOMA E PROCESSO DE CRIAÇÃO EM DANÇA CONTEMPORÂNEA.

Ávila, Ms. Carla Cristina Oliveira<sup>1</sup>  
Santos, Dra. Inaicyra Falcão<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho tem como foco a pesquisa em danças do Brasil. Reflete sobre o papel da dança e das culturas populares, no espaço tempo contemporâneo. Articulando as matrizes afro-brasileiras do Congado de São José do Triunfo, Minas Gerais, às reflexões sobre rizoma e contemporaneidade, para a construção de um processo criativo em dança contemporânea.

**Palavras-chave:** Danças do Brasil-Congado, Processo de Criação em Dança contemporânea, cultura e sociedade



### **RITUAL: O CAMPO CONGADO**

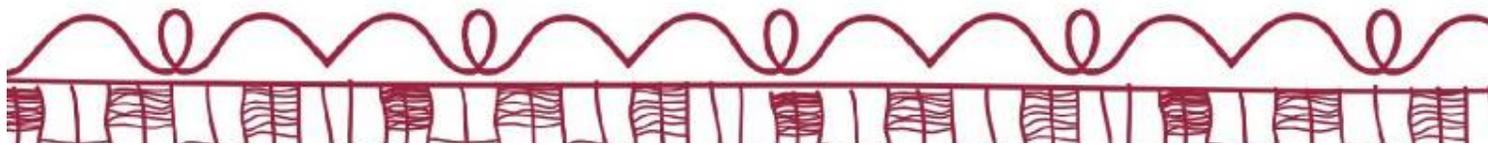
O sol cai no poente a noitinha adentra as ruelas, cheias do poeirão dos roçais do Fundão, nome popular da região em que o Congado de São José do Triunfo, Minas Gerais, está localizado, espaço de produção da mais límpida e forte cultura popular dos arredores. Aliás, o bairro, assim como o Congado, recebe o nome de São José do Triunfo, mas opostamente é conhecido como, “Fundão”.

Interessante pensar no nome atribuído a essa comunidade “Fundão”, sinônimo e aumentativo de profundezas, soando como algo distanciado, a margem, e ironicamente ao observarmos as dinâmicas da oralidade e da memória, compreender, que essa, é perpetuada segundo Von Simpson,<sup>1</sup> através das *memórias subterrâneas*, aquelas que também estão nas profundezas da sociedade, emergindo somente, onde abrem-se

---

<sup>1</sup> [UFGD/casapavila@yahoo.com.br](mailto:UFGD/casapavila@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> [UNICAMP/inaicyra@iar.unicamp.br](mailto:UNICAMP/inaicyra@iar.unicamp.br)



espaços de vazão para as mesmas, ou em tempos de festejos, lembranças culturais e ou sociais.

As memórias subterrâneas são os grandes mananciais de preservação de nossa cultura popular, que permanecem submersa na correria de nossas ocupadas vidas contemporâneas. Sem cultura popular, no “fundão” de nossas memórias, não restariam ritos para contarmos à nossos filhos e netos, estaríamos abandonados numa sociedade sem memória, sociedade do esquecimento.

Na cultura popular produzida no espaço-tempo do Congado de São José do Triunfo, a casa em festa da família Virgílio<sup>ii</sup>, acolhe as diversas gerações de congadeiros, e estes se unem para finalizar a novena, evento que agrega os mais antigos e os recém-chegados para o exercício da tradição e fé da comunidade. Ali estão os líderes mais idosos da irmandade, e todos os guardiões. Olga Von Simpson, uma das cuidadosas pesquisadoras da memória, compreende que esses anciãos são como os *guardiões da memória*. Segundo ela, nas sociedades primitivas toda a sabedoria e a detenção do conhecimento estavam sobre estes que passavam suas memórias adiante por meio dos contos, mitos, cantos, danças, rituais e crenças transmitidas a eles por seus antepassados. Acredita-se que ao repassar essa memória os anciãos geram uma *memória coletiva* e garantem a perpetuação de sua cultura. Eles têm a missão de formar discípulos que valorizem e preservem a cultura popular e a memória de sua região. E no caso do Congado de São José do Triunfo, a memória da cultura afro-brasileira.

Mas refletir sobre uma definição do que é cultura popular é esbarrar em diversas teorias que ao se encontrarem, tornam-se por vezes conceitos “polifônicos”. Por anos a cultura popular foi encarada enquanto “totalidade orgânica” por românticos e iluministas, (mesmo que através de abordagens diferentes) idealizado como “autenticidade popular” por alguns estudiosos do “folclore”. Utilizado como forma de construção da ação política por intelectuais reformistas revolucionários no Brasil da conturbada década de 60, entre muitas outras “utilizações”. Contribuições importantes sobre o tema, a nosso ver podem ser retiradas de alguns intelectuais de inclinação marxista, como Marilena Chauí<sup>iii</sup> e Nestor Canclini<sup>iv</sup>, por considerarem a [...] “cultura popular” como parte-resultado de um sistema de dominação, de lutas sociais e relações de poder numa sociedade capitalista de classes, como manifestação diferenciada que se realiza no interior de uma sociedade que é a mesma para todos, “num jogo interno de conformismo e resistência”, ambigüidades e contradições<sup>vi</sup>

O conceito de “cultura popular” adotado por nós, contempla tal perspectiva, contudo ao adotá-la, corremos o risco de cairmos em dicotomias generalizantes, do tipo dominante/dominado, opressor/oprimido, por isso: “[...] *que, se por um lado não deixam de serem legítimas como referências para uma análise sociológica mais global, por outro lado, não dão conta da complexidade presente nas sociedades contemporâneas*”, *marcadas pela integração e convivência cada vez maior entre universos culturais-sociais diversos e diferenciados*<sup>vi</sup>.

Dentro desta ciranda de conceitos, a certeza a que nos encontramos, é que dentro do saber popular as heranças imateriais, são o selo de garantia de uma tradição, mas por outro lado para que as mesmas se perpetuem, elas não podem ser estáticas, imutáveis. Sendo a sua forma, adaptada e re-significada ao contexto contemporâneo, cada qual dentro do seu espaço-tempo ritual, seguindo a tradição sagrada de seus ancestrais.

Através dessas observações, escolhemos a inserção do conceito “cultura popular” num sistema-totalidade marcado por lutas sociais, que refletem decisivamente sobre a construção das práticas simbólicas dos “populares”, como sobre qualquer outra categoria social.

Devemos ter em mente, que a “cultura popular” não se constitui de um conjunto fixo no tempo de práticas culturais, pois estas devem sempre ser analisadas como universos em constante movimento e conflito.

*“O significado de uma forma cultural e seu lugar ou posição no campo cultural não está inscrito no interior de sua forma. Nem pode garantir para sempre sua posição. (...) O significado de um símbolo cultural é atribuído em parte pelo campo social ao qual está incorporado, pelas práticas às quais se articula e é chamado a ressoar”*<sup>vii</sup> Esses símbolos culturais inseridos em seus contextos, através das práticas culturais locais ao ressoarem, costumam gerar as tradições de um determinado grupo. E isso é nítido no Congado de São José do Triunfo.

Constata-se que muitas práticas culturais significantes no meio “popular” têm caráter tradicional, ou seja, tratam-se de práticas relacionadas diretamente com o presente histórico, apesar de ter seus significados primeiros em lugares do passado. Como mostraram Hobsbawm e Ranger,<sup>viii</sup> tradições são naturalmente inventadas e

reinventadas, a fim de preservar certa continuidade em relação ao passado diante das constantes transformações do presente.

Dessa forma, muitas alterações são necessárias à manutenção do sentido que cada tradição contém o que explica a reinvenção cotidiana de muitas manifestações ditas “folclóricas” na atualidade. Não devemos confundir, porém, essa reinvenção cotidiana com certas práticas de apropriação cultural que subvertem o significado simbólico de cada “tradição” em nome de uma representação/ideologia dominante.

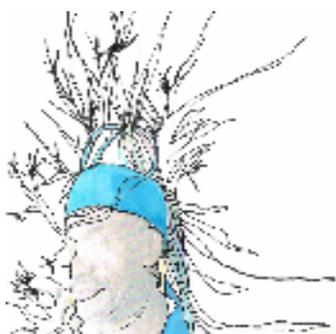
Stuart Hall,<sup>ix</sup> analisa o termo “tradição” significando muito mais do que a simples persistência de velhas formas. Para ele,

*“Os elementos da tradição não só podem ser reorganizados para se articular a diferentes práticas e posições e adquirir um novo significado e relevância. Com frequência, também, a luta cultural surge mais intensamente naquele ponto onde tradições distintas e antagônicas se encontram ou se cruzam. Elas procuram destacar uma forma cultural de sua inserção em uma tradição, conferindo-lhe uma nova ressonância ou valência cultural”<sup>x</sup>.*

É por meio do constante fluxo entre memória, oralidade e tradições populares brasileiras, que a manifestação do Congado de São José do Triunfo ocorre e se apresenta. No ascender das velas, o canto de devoção, a oração persistente, os joelhos dobrados, a partilha do café com broas nos quintais de chão batido, percebemos que na irmandade, o fazer anual da festa do Congado é tesouro imaterial precioso. Tê-lo é reviver os valores de fé e resistência deixados pelos ancestrais, na luta pela sobrevivência em novas terras, adaptando suas crenças e costumes a um novo contexto. Perpetuá-lo é ensinar aos mais novos, o poder de união, organização, fé e a força de trabalho desta comunidade, quando voltada para um mesmo fim. Transmiti-lo é mostrar a sociedade em geral a importância da re-memoração de nossa história, e sensibilizar-nos para a idéia de sermos brasileiros: sê-lo é sinônimo de nação mestiça, híbrida em suas culturas e diversa em seus territórios .

Ali no Congado, onde o festejo ultrapassa o tempo e parece nos transportar para um outro espaço, a dimensão do rito torna-se matéria, o plano espiritual embebeda aqueles que ali estão em um certo transe, a vida sai da sua rotina. E no exato momento, a dimensão do rito é maior que tudo. E percebemos o quando nossa memória precisa

repensar o valor de tais mananciais rituais, para que possamos nos libertar do esquecimento que adoce nossa identidade.



O fazer anual da festa do Congado reafirma os espaços pertencidos e conquistados pela comunidade, a interação entre ocupação e as relações de poder se reconfiguram.

Relacionamentos e poéticas simbólicas e arte florescem em meio a tantas resistências.

### ***REAL: RIZOMA E OS MÚLTIPLOS ESTÍMULOS CRIATIVOS***

Nesta sobreposição de poéticas e sob a égide da realidade vivida a campo, e posteriormente transposta para a cena, propomos uma expansão dinâmica dos territórios de ação do processo criativo em danças do Brasil. Através de constatações das múltiplas interfaces artísticas, entre os sons e cantos, danças e as cores do “Congado do Triunfo”, surgiu o desejo desta pesquisa, que tem como foco a pesquisa em danças do Brasil; articulando as matrizes afro-brasileiras do Congado de São José do Triunfo aos processos de criação em dança contemporânea .

Ao retomar a idéia da tradição nos contextos da arte produzida pelo saber popular também nos deparamos com outra visão estática no campo da cultura popular. A imagem da “raiz da cultura”, ou ainda, as expressões como, por exemplo: “ se não preservamos a raiz não teremos fruto”, estas nos sugerem uma tradição que deve se repetir, como uma imensa árvore que cresce para cima e para baixo, reafirmando a idéia de estagnação.

Ao refletirmos mais profundamente sobre o tema e compreendermos ainda que parcialmente, as dimensões do rito, constatamos o dinamismo e a complexidade dos saberes envolvidos para a realização do mesmo, seus mitos e oralidades, as memórias e as receitas ancestrais de famílias, que são passadas adiante ano a ano, as danças e seus repertórios, realizados em uma diversidade de corpos, além de verificarmos uma infinidade de significantes e significados intrínsecos a própria tradição do Congado.

Através dessas reflexões, ampliamos nossos olhares sobre a pesquisa, as mentalidades relacionadas as manifestações populares brasileiras e suas influências no processo de criação da dança contemporânea no Brasil.

Por meio deste processo de compreensão da cultura popular, das danças do Brasil e seus processos de criação, propõem-se uma reflexão sobre as “raízes rizomáticas”, associando-a a imagem do gengibre.

Para melhor compreendermos o conceito de rizoma, precisamos pensar que é uma raiz-caule que não é única, e que não preenche apenas um mesmo espaço se mantendo estática. Rizoma é uma espécie de raiz-caule que esta em metamorfose constante, transformando-se em outras raízes-caules, desconectando-se ou não de seu eixo, tornando-se ela mesma um outro eixo, para que dela saiam outros rizomas. E foi com essa visão que embasamos a nossa pesquisa nos contextos relacionados ao hibridismo da memória a formação do povo brasileiro, a cultura popular, a tradição e ao processo criativo em danças do Brasil, associando-as, as afirmações de Deleuze e Guatarri<sup>xi</sup>.

*“Não podemos negar que a América em sua trajetória histórica, é aquela em que o europeu branco da elite dominante, macho perdeu sua civilidade no terror de suas conquistas, ao longo de nossas costas litorâneas, conquistando os povos que aqui habitavam. Originando uma mescla de culturas híbridas desde nossos primórdios, raízes. Assim sendo a América torna-se,”(...)ao mesmo tempo árvore e rizoma”<sup>xii</sup>.*

Desterritorialização, territorialização e reteriorização<sup>xiii</sup>, permeiam nossos corpus culturais desde nossa colonização. Refletindo um “modos vivente”, nada estático. Ao focarmos nessas concepções, no viver contemporâneo, percebemos que a idéia de raiz única originária não é suficiente para explicar as complexidades contemporâneas de comunicação e propagação cultural, seja ela popular ou não. Portanto, acreditamos que a melhor forma de ilustrar nossos processos atuais de tradição oral nas manifestações populares, e na descrição do processo criativo em dança contemporânea do presente trabalho, seja associando-as a idéia do rizoma.

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. Os rizomas ainda podem ser transportados para outro território distante de seu caule, que continuarão crescendo. Ou seja, mesmo passando por uma desterritorialização, territorialização ou reteriorização, ele não se esgota, continua se recriando e possibilitando novos rizomas.

Associação claramente possível dos povos africanos transplantados para as Américas, e nos próprios trabalhos de danças contemporânea do Brasil, que muitas vezes são apenas transplantados do espaço ritual para o espaço da cena.

É partindo desse universo das matrizes populares, que nos inspiramos para o processo criativo em dança contemporânea. Adequando as matrizes simbólicas da tradição, articulando-as as técnicas e processos criativos, em busca de uma criação em dança com significado e relevância outros, que não só o desempenho físico e a performance do intérprete, nem tão pouco a reprodução dos aspectos rituais. Mas, sobretudo, tivemos o foco em uma criação em dança que propusesse uma experiência estética simbólica, crítica reflexiva, buscando um olhar cultural ancestral, uma apreciação onde a sensibilização sobre nossas identidades ancestrais e nossas tradições populares fossem como espelhos projetados no ato do fazer artístico, refletindo nossa própria cultura individual e coletiva aliada as nossas pluralidades brasileiras. Em uma rede rizomática de significados.

É interessante destacar que os rizomas são também subterrâneos, ou periféricos, ou seja, crescem sob a terra, lançando-se esporadicamente para fora dela, para que se criem novos rizomas, podem também serem transportados por intermediários (abelhas, vento e outros) e se reorganizarem em troncos de árvores ou em outras superfícies, se enraizando subterraneamente de novo.

Sendo assim, vale destacar que em sua maioria as tradições das manifestações populares brasileiras são marginais e também periféricas da nossa sociedade, permeando subterraneamente toda nossa cultura, sem que as elites assumam suas influências em nosso cotidiano (exceto quando interessa ao capital da indústria cultural). Esse paralelo das manifestações populares brasileiras e o rizoma, nos possibilita



inúmeras relações, inclusive no tocante aos processos de criação com base nas danças do Brasil e suas possíveis releituras e ou re-criações.

### ***VIRTUAL: O PROCESSO DE CRIAÇÃO E SUAS INFLUÊNCIAS***

*“O arco ficou tenso e as flechas foram lançadas, cabe a nós agarrá-las e atirá-las para novos rumos, para alvos ainda mais distantes.”<sup>xiv</sup>*

Não é possível pensarmos em um processo de criação, dissociado de nosso tempo-espaço “real”. Portanto, como sabemos a contemporaneidade é permeada por redes tecnológicas e virtuais. As espacialidades do mundo virtual estenderam-se de tal forma que o tempo e espaço tomaram outros formatos que não os concebidos por nossos ancestrais. Hoje é possível estarmos ainda que virtualmente em diferentes tempos e

espaços. A internet, os computadores, os celulares e as invenções do enorme repertório das máquinas tecnológicas transformam a humanidade em uma aldeia global. Por sua vez, esse mesmo movimento, que nos empurra para uma identidade globalizada, nos faz repensar em nossa identidade local, forçando-nos a rever nossos valores e nossas origens. Diante de tantos apelos globalizantes, é fácil se perder na homogeneidade dos valores tecnológicos virtuais. Assim sendo, constatamos que a contemporaneidade é permeada por redes rizomáticas que interconectam as sociedades nos mais diferentes âmbitos, ampliando conceitos antes muito bem delimitados, dissolvendo as fronteiras-espaciais, deixando o mundo cada vez mais interligado.

*“(...) a globalização não é propriamente uma experiência do nosso tempo, mas um processo que se situa na continuidade de uma gênese técnica que tem suas raízes na longa história da modernidade, entendida como ruptura em relação às coações e aos estrangimentos do espaço e do tempo que delimitam a experiência tradicional”.*<sup>xv</sup>

Uma das características do rizoma é uma segunda espécie de conjunto de linhas de uma linha. Assim sendo, relacionamos a condição imposta a nós pela globalização, como uma linha rizomática estendida da própria condição pós-moderna<sup>xvi</sup>, cuja qual também é conectada a uma linha que acompanha todo o desenvolvimento humano, permeado pelos ritos e mitos ancestrais, presentes e essenciais para as tradições populares.

Logo, por mais distantes que possamos “arremessar nossas flechas”, não é possível esquecermos, do arco propulsor de nossa força, ou seja, nossas origens ancestrais. Assim, destaco novamente a idéia de que mesmo em um contexto virtual globalizado, é possível encontrar o local originário, ancestral. Sem retirar destes, seus atributos característicos.

Segundo Hall<sup>xvii</sup>, particularismos culturais, seja no âmbito sagrado ou social, são realidades no mundo “global” atual. A partir do final do século XX, as identidades locais, fortalecem-se, um exemplo que é possível detectar claramente é a do “racismo cultural” (absolutismo étnico) e na formação de “identidades defensivas”, como a re-identificação com as culturas de origem ou o “revival” do tradicionalismo cultural, da ortodoxia religiosa e do separatismo político.

*“A tendência em direção à ‘homogeneização global’, pois, tem seu paralelo num poderoso revival da ‘etnia’, algumas vezes de variedades mais híbridas ou*

*simbólicas, mas também frequentemente de variedades exclusivas ou 'essencialistas' [...] <sup>xviii</sup>.*

Assim sendo, “cada vez que percorremos maiores distâncias enquanto flechas, mais nos lembramos de nosso arco”, quanto mais imersos na globalização mais nos lembramos de nossos valores locais. Uma observação mais reflexiva sobre o panorama local-mundial, nos assegura a existência de tendências tão múltiplas quanto contraditórias em relação à contemporaneidade, mais uma vez reforçando seu caráter rizomático e sem pré-determinações.

Ao remetermos nosso olhar para o impulso propulsor, nos deparamos com os mitos e tradições ancestrais, que permeiam nosso cotidiano contemporâneo, (ainda que de maneira periférica e ou subterrânea). Daí a importância das artes no processo de reterritorialização das tradições na sociedade contemporânea.

Joseph Campbell<sup>xix</sup>, a muito afirmava que as artes re-mitologizam o mundo contemporâneo.

Por meio de pesquisas em processos criativos que re-memoram nossa cultura popular brasileira resignificamos nossas ancestralidades e os mitos que as permeiam.

Unindo a pesquisa de campo as reflexões advindas do rizoma e seguindo a concepção que a Profa. Inaicyr Falcão dos Santos <sup>xx</sup> nos traz; da busca por uma construção de uma dança, de dentro para fora e de fora para dentro, em sua proposição da Metodologia do Corpo e Ancestralidade,<sup>xxi</sup> originou-se a performance “Rosarina: contas que contam memórias” (2006-2007), e “Terra Preta” (2008-2009), ambas dialogam com o valor expressivo das danças contemporâneas no Brasil, aliadas as matrizes simbólicas e estéticas do ritual do Congado de São José do Triunfo, e das comunidades afro-descendentes da Zona da Mata de Minas Gerais.

Por meio de performances artísticas inspiradas nas matrizes das culturas populares brasileiras, como nessa pesquisa com o Congado, abrimos espaços em nossa sociedade globalizada para apreciações reflexivas críticas acerca de nossas origens ancestrais e conseqüentemente de nossas identidades híbridas brasileiras.

Construímos uma rede rizomática de significados, olhando para nosso passado no presente, procurando nele, pontos iniciais de novas construções de sentidos, e a partir dessas dinâmicas, ampliamos também os espaços de nossas atuações artísticas, por meio de um processo criativo em dança que versa sobre nossas próprias histórias, resignificando assim nosso próprio fazer artístico.

Ensinando-nos a respeitar as diversidades e considerar os múltiplos saberes, misturando experiências, moveres, ancestralidades, espaços e temporalidades através do dançar.

---

Ms. Carla Ávila Mestre em Artes UNICAMP 2007, Pós-graduada em Psicopedagogia USF, 1999, graduada e bacharel em Dança UNICAMP, 1996. Artista – docente das áreas de Danças do Brasil, Desenho Teatral, Poéticas do Corpo para a Cena, foi professora no Departamento de Artes e Humanidades da Universidade Federal de Viçosa, UFV, de 2003 a 2009 onde colaborou com a criação do primeiro curso de Graduação em Dança de MG, hoje é professora no Curso de Artes Cênicas da FACALE, Faculdade de Ciências Artes e Letras da Universidade Federal da Grande Dourados, UFGD, MS. Coordenadora do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa sobre Cultura Popular – GENGIBRE, desenvolve extensão, pesquisas e espetáculos nas áreas de processos criativos em dança contemporânea e danças do Brasil. Grupos de pesquisa : “Rituais e linguagens: a re-elaboração estética”/ “GENGIBRE Grupo Interdisciplinar de Pesquisa sobre Cultura Popular, Extensão e Arte”

Prof<sup>a</sup> Doutora Inaicyr Falcão dos Santos, Livre docente na área de Práticas Interpretativas UNICAMP. 2006, Doutorado em Arte-Educação USP, 1996 , Mestrado em Artes Teatrais Universidade de Ibadan, Nigéria, 1984 , Graduação em Dança Universidade Federal da Bahia, 1971 Cantora lírica, professora doutora, livre-docente, pesquisadora das tradições africano-brasileiras, na educação e nas artes performáticas no Departamento de Artes Corporais da Unicamp. Docente do curso de Graduação em Dança do Departamento de Artes Corporais e do curso de Pós-graduação em Artes nas linhas de pesquisa "Arte Cultura e Sociedade" e "Processos e Poéticas da Cena" , Instituto de Artes, Unicamp. Coordena e orienta trabalhos de pesquisa do **GIP** - Grupo Interdisciplinar de Pesquisa com a temática Rituais e Linguagens: a elaboração estética.com diretório no CNPq . Está voltada para os seguintes temas: processos de criação, matrizes culturais na dança contemporânea, ancestralidade africano-brasileira, educação pluricultural e canto.

## NOTAS

I.Prof<sup>a</sup> Doutora Olga Von Sinson, é docente e pesquisadora da Pós-Graduação do Departamento de Educação da Unicamp, diretora do centro de memória da UNICAMP SMU e tem inúmeras publicações na área de história oral e memória.

<sup>ii</sup> Família do rei Congo e Capitão, Sr. Dola e Sr. Zeca, mestres da tradição do Congado em São José do triunfo, Viçosa, Minas Gerais.

<sup>iii</sup> Marilena Chauí, nascida em São Paulo, 4 de setembro de 1941, é filósofa brasileira e historiadora da filosofia. Professora de Filosofia Política e História da Filosofia Moderna da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP).

<sup>iv</sup> Nestor Canclini nasceu na Argentina em 1939, formado em Letras, se doutorou na Universidade de La Plata – Chile, e pela Universidade de Paris, França, desde 1990, é professor pesquisador na Universidade Nacional Autónoma do México, onde dirige o Programa de Estudos da Cultura, foi pesquisador e várias vezes professor visitante, publicou diversos livros nas áreas de Cultura popular, Comunicação e Sociologia.

---

<sup>vi</sup> ABIB, Pedro. **Capoeira Angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda**. Campinas, SP. UNICAMP/CMU; Salvador: EDUFBA, 2005, p. 57.

<sup>vii</sup> HALL, **Representation: cultural representations and signifying practices.**, Londres, Sage/The 1997, p.40.

<sup>viii</sup> HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs). Introdução: a invenção *In: A invenção das tradições*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

<sup>ix</sup> Stuart Hall, nascido em 3 de fevereiro de 1932 em Kingston, Jamaica, é um teórico cultural que trabalha no Reino Unido. Professor convidado em várias universidades ao redor do mundo, contribuiu com obras chave para os estudos da cultura e dos meios de comunicação, assim como para o debate político.

<sup>x</sup> HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. p.260.

<sup>xi</sup> **Gilles Deleuze** nascido em Paris em 18 de Janeiro de 1925 e falecido 4 de Novembro de 1995. Entre 1944 e 1948, cursou filosofia na universidade de Sorbonne, trabalhou na Universidade de Vincennes, conheceu Guattari seu grande amigo e colaborador. A sua filosofia é considerada como uma filosofia da vitalidade e do desejo. Publicou inúmeros livros.

**Félix Guattari** nascido em Villeneuve-les-Sablons, Oise, em 30 de Abril de 1930 e falecido em Cour-Cheverny, 29 de Agosto de 1992, foi psiquiatra, filósofo e militante revolucionário francês. Guattari rompeu com os dogmatismos marxistas e psicanalíticos de todos os tipos. Foi muito longe nesta desterritorialização e criou uma obra original na qual o problema do desejo singular é inseparável do político, da indústria, da informática, das instituições

<sup>xii</sup> DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix, **Mil Platôs- Capitalismo e Esquizofrenia Vol 1**, São Paulo: Editora 34 Ltda, 1995. p.31.

<sup>xiii</sup> Desterritorialização, territorialização e re-territorialização, conceitos fortemente discutidos por Guattari, e Rolnik, S. 1996 *Micropolítica: cartografias do desejo, e por* Gunz, em S. s/d. Immanence and Deterritorialization. The Philosophy of Gilles Deleuze.

<sup>xiv</sup> NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. 2ªed.p.24.

<sup>xv</sup> Prado, Aidar, 2001, "O enredamento globalizante de Castells", em Sovik, Liv (org.), Lugar global e lugar nenhum: ensaios sobre democracia e globalização, São Paulo: Hacker Editores, pg 41

<sup>xvi</sup> Condição pós-moderna; A intensidade da compreensão do tempo-espaço no capitalismo ocidental a partir dos anos 60, nos indica um contexto experiencial, que confere à condição da pós-modernidade algo um tanto especial gerado pelas pressões da acumulação de capital e a redução do espaço por meio do tempo e também da redução do tempo de giro. A mudança da experiência do espaço e do tempo teve muito a ver com o nascimento do modernismo e a relação do espaço temporal. O *capital* é a espécie mais analisada para entender o pós-modernismo. É um processo de reprodução da vida social por meio da produção de mercadorias em que todas as pessoas do mundo capitalista avançado estão envolvidas. David Harvey, inglês, foi professor da Universidade Johns Hopkins, nos Estados Unidos até 1987, e foi um dos grandes teóricos que contribuiu com a definição do termo.

<sup>xvii</sup> Op cit 9

<sup>xviii</sup> HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004p.42.

---

<sup>xix</sup> Joseph Campbell, nascido em Nova Iorque, 26 de março de 1904, falecido em Honolulu, 30 de outubro de 1987, considerado como um dos maiores mitólogos de todos os tempos, estudioso de mitologia e religião comparativa e pesquisador incansável, para Campbell, a riqueza dos mitos não estava em elucidar ou revelar algum tipo de significado para a vida, mas o de ser um registro simbólico da própria experiência de estar vivo. Segundo ele, o mito capta a vida no seu eterno fluir.

<sup>xx</sup> Inaicyr Falcão dos Santos é cantora lírica, dançarina e professora doutora, livre-docente, pesquisadora das tradições africano-brasileiras, na educação e nas artes performáticas no Departamento de Artes Corporais da Unicamp. Graduada em Dança pela Universidade Federal da Bahia, com mestrado em Artes Teatrais pela Universidade de Ibadan na Nigéria, doutora em Educação pela USP e livre docente na Universidade Estadual de Campinas na área de Práticas Interpretativas. Coordenadora do grupo Rituais e Linguagens desenvolve, sua metodologia do Corpo e Ancestralidade, voltada para a formação do intérprete bailarino.

<sup>xxi</sup> Corpo e Ancestralidade além de sua publicação é a elaboração de uma proposta na dança-arte-educação, desenvolvida pela Prof<sup>a</sup> Livre Docente Inaicyr Falcão dos Santos, que procura recuperar elementos estéticos e míticos presentes na tradição africano-brasileira, enquanto criação coletiva. A experiência específica realiza-se no conhecimento teórico e prático vivenciado no universo mítico do tambor *Batá*, entre os *Yorubá*, na Nigéria, e seus descendentes no Brasil; depois, essa experiência pôde gerar a elaboração de um poema e montagem cênica *Ayán: símbolo do fogo*, cujo resultado ofereceu os fundamentos para a metodologia no desdobramento da vivência pedagógica pluricultural e na construção de uma identidade individual.[]

Desenhos, fotos e colagens : Carla Ávila

## **Bibliografia**

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. **Capoeira Angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda**. Campinas, SP. UNICAMP/CMU; Salvador: EDUFBA, 2005.

ARAÚJO, Janáina; ÁVILA, Carla. **Para Sempre Congado !**. Viçosa, MG –UFV: monografia [s.n.], 2005.

AVILA, Carla, **Itinerâncias e inter-heranças: do ritual do Congado da Zona da Mata Mineira ao processo de criação da performance em dança contemporânea**. Campinas, SP. Dissertação [s.n.], (Mestrado em Mestrado Em Artes) - Instituto de Artes - UNICAMP. 2007.

BHABHA, Homi, K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BOSI, Alfredo. **Cultura brasileira: Tradição e contradição**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar/Funarb, 1987.

CANCLINI, Néstor García. As identidades como espetáculo multimídia. *In: Consumidores e cidadãos*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

\_\_\_\_\_. **A festa do santo de preto**. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1985.

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil**. 6. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

---

DELEUZE, Gilles, GUATARRI, Félix, **Mil Platôs-Capitalismo e esquizofrenia Vol 1**, São Paulo: Editora 34 Ltda, 1995.

\_\_\_\_\_, **Mil Platôs-Capitalismo e esquizofrenia Vol 2**, São Paulo: Editora 34 Ltda, 1995.

\_\_\_\_\_, **Mil Platôs-Capitalismo e esquizofrenia Vol 3**, São Paulo: Editora 34 Ltda, 1995.

\_\_\_\_\_, **Mil Platôs-Capitalismo e esquizofrenia Vol 4**, São Paulo: Editora 34 Ltda, 1995.

\_\_\_\_\_, **Mil Platôs-Capitalismo e esquizofrenia Vol 5**, São Paulo: Editora 34 Ltda, 1995.

GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. 1996 *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes.

GUNZ, S. s/d. Immanence and Deterritorialization. The Philosophy of Gilles Deleuze.

HAESBAERT, Rogério; BRUCE Glauco. **A desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari**, Departamento de Geografia UFF – NUREG (Núcleo de Estudos sobre Regionalização e Globalização), artigo, 2007 [http://www.uff.br/geographia/rev\\_07/rogerio7.pdf](http://www.uff.br/geographia/rev_07/rogerio7.pdf)

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

\_\_\_\_\_. Codificação/Decodificação. In: **Da diáspora**. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2003.

\_\_\_\_\_. **The question of cultural identity**. In: Hall, S., Held, D., & McGrew, A. 1999.

\_\_\_\_\_. **Representation: cultural representations and signifying practices**. Londres, Sage/The Open University, 1997.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 6 ed. São Paulo: Loyola, 1996.

HOBSBAWM, Eric ; RANGER, Terence (orgs). Introdução: a invenção *In: A invenção das tradições*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

LINHALIS, Lara ; ÁVILA, Carla. **A representação das “manifestações culturais tradicionais” na mídia televisiva comercial: um olhar reflexivo sobre série Identidade Brasil**. UFV, Viçosa-MG: monografia [s.n.], 2006.

---

MARTINS, Leda Maria. **A cena em sombras**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2002.

\_\_\_\_\_, **Afrografias da Memória** São Paulo: Ed. Perspectiva, 1997.

NAVAS, Cassia. **Dança e mundialização: políticas de cultura no eixo Brasil-França**  
-São Paulo : Hucitec : Fapesp, 1999.

\_\_\_\_\_, **Dança moderna / Cassia Navas, Linneu Dias**. -São Paulo : Secretaria  
Municipal de Cultura, 1992.

\_\_\_\_\_, **Teatro do movimento: um movimento para o intérprete criador /**  
**Lenora Lobo e Cassia Navas**. -Brasília : LGE, 2003.

SANTOS, Inaicira Falcão dos. **Corpo e ancestralidade: uma proposta pluricultural de**  
dança-arte-educação. Salvador: EDUFBA, 2002.

SIMPSON VON, Olga. (org). **Os desafios contemporâneos da história Oral**  
Campinas: Área de publicação CMU/Unicamp. 1997.

SIMPSON VON, Olga R. de Moraes, PARK, Margareth B. & SIEIRO, Renata F.(org)  
**Educação não-formal: cenários da criação**. Campinas, Ed. da Unicamp. 2000.

SODRÉ, Márcio. Werneck. **Síntese de História da Cultura Brasileira**. Rio de Janeiro:  
Civilização Brasileira, 1984.